

## **UMA PESQUISA COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS: CAMINHOS E DESAFIOS METODOLÓGICOS**

**FRANCINE ALMEIDA PORCIUNCULA BARBOSA<sup>1</sup>; LIZANDRA FARIAS DA COSTA<sup>2</sup>; MARTA NÖRNBERG<sup>3</sup>; PATRÍCIA PEREIRA CAVA<sup>4</sup>; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG<sup>5</sup>; ANA CRISTINA COLL DELGADO<sup>6</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– francine.porciuncula@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas- Lizandra\_lizah@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas– martaze@terra.com.br

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas– pcava@via-rs.net

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas- rocwurdig@hotmail.com

<sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas- anacoll@uol.com.br

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho diz respeito a uma pesquisa com financiamento do CNPQ e discute alguns resultados parciais sobre as práticas de cuidado e educação realizadas com bebês e crianças bem pequenas em uma escola municipal infantil. A ênfase, aqui, será no processo metodológico da investigação.

Nosso diálogo principal se dará no campo da educação com as contribuições da pedagogia, sociologia da infância, antropologia da criança, filosofia da infância e psicologia cultural.

As poucas pesquisas voltadas aos bebês e crianças bem pequenas em nosso país, assim como o gradativo aumento do atendimento para crianças de até três anos desde a constituição de 1988 em instituições comunitárias e públicas municipais, e a necessidade de estudos que apontem possibilidades e práticas que valorizam as crianças como potentes, como também os adultos encarregados de seu cuidado e educação inspiraram esta pesquisa.

Para CORSARO (2011) a criança está o tempo todo integrando duas culturas, a das crianças e a dos adultos. Mas as ações pedagógicas tendem a uma aculturação das crianças, pois elas são pensadas e planejadas por adultos que não mais fazem parte da cultura infantil e que desconhecem profundamente seus traços e manifestações. Portanto, esta pesquisa pode indicar pistas importantes sobre as relações e culturas dos bebês e crianças bem pequenas entre eles e com os adultos, o que pode contribuir para a construção de uma docência mais sensível e atenta as culturas infantis.

Entendemos as culturas infantis, com base em autores da sociologia da infância, como uma produção de formas distintas de interpretar o mundo pelas crianças, com sentidos diferenciados dos atribuídos pelos adultos (SARMENTO, 2004). Conforme salienta COHN (2005), a diferença entre as culturas infantis e as culturas adultas, não é de ordem quantitativa, mas qualitativa, ou seja, as crianças não sabem menos, elas sabem outras coisas.

O principal objetivo desta pesquisa é analisar as relações e culturas dos bebês e crianças bem pequenas, entre elas e com os adultos, identificando significados sobre educação, cuidado e infância que orientam as práticas produzidas para e com os bebês e crianças.

### **2. METODOLOGIA**

A investigação pode ser caracterizada como um estudo de inspiração etnográfica com bebês e crianças bem pequenas. A pesquisa está em andamento e teve seu início em abril de 2013, com seu término previsto para março de 2016.

A escola infantil selecionada para o estudo é municipal, localizada em um bairro popular de uma cidade ao sul do Rio Grande do Sul.

Os instrumentos metodológicos utilizados no transcorrer da pesquisa são: observação participante com notas em diários de campo, filmagens do cotidiano dos berçários e dos maternais, entrevistas com as professoras e auxiliares, rodadas de conversas com as profissionais sobre as filmagens e identificação de questões emergentes para mediar os encontros para discussão e reflexão sobre as práticas realizadas com as respectivas turmas dos berçários e maternais.

A geração de dados está dividida em dois períodos diferentes. O primeiro conjunto de dados foi gerado no período de maio a dezembro de 2013. A segunda parte da geração de dados está prevista para acontecer a partir do segundo semestre de 2014.

No primeiro momento realizamos as observações na escola infantil, duas vezes na semana. Eram duas pesquisadoras, ficando uma na turma de berçário e outra no maternal. Inicialmente, começamos apenas com observações e anotações no diário de campo, pois achamos necessário estabelecer aos poucos, na medida do possível, uma relação de aproximação e confiança com as crianças, professoras e auxiliares para só depois iniciarmos as filmagens e fotografias.

Nesse sentido GRAUE e WALSH (2003), ao publicarem um livro específico sobre investigação etnográfica com crianças, argumentam que “entrar na vida de outras pessoas é ser-se um intruso” e que é necessário a permissão das pessoas, porém não somente através de consentimento e sim de respeito que permeia as relações. Complementam que o investigador deve assumir uma postura *humilde*, “como que implora de joelhos para ali estar”, mas que esta postura seja tanto para entrar no campo de pesquisa como para permanecer nele.

Desse modo, este cuidado para iniciar as filmagens com as crianças entre elas e com os adultos é uma espécie de bom senso juntamente com a sensibilidade de perceber as relações e reações que se produzem devido à presença de um “estranho” naquele ambiente.

As análises relacionadas ao primeiro conjunto de dados gerados começaram a ser construídas, discutidas e organizadas durante encontros entre os integrantes do grupo de pesquisa.

Para esta análise nos organizamos paulatinamente em três momentos. O primeiro trata do grupo de estudos que tem como meta possibilitar espaço para reflexão e qualificação acerca do quadro teórico que sustenta a pesquisa. O segundo encontro trata da categorização e análise dos dados com intuito de discussão das filmagens, fotografias, diários de campo e entrevistas com todo o grupo de pesquisadores. O terceiro momento inclui a reunião de bolsistas de iniciação científica e orientadora da pesquisa.

Ainda faz parte deste primeiro momento da metodologia, a construção do roteiro de entrevistas que estão previstas para se realizarem neste segundo semestre de 2014.

No tratamento dos dados obtidos pela pesquisa de campo realizamos uma análise de conteúdo com fundamentos em BARDIN (1977) e VALA (1989). A análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa que permite fazer inferências dos dados para o seu contexto e exige uma explicitação dos procedimentos utilizados (VALA, 1989).

Para BARDIN (1977) é a inferência que permite a passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentidos às características do material que levantamos e organizamos. Conforme explica VALA (1989), nesse percurso desmontamos um discurso e produzimos um outro.

A segunda parte da geração de dados, que iniciará no segundo semestre de 2014, diz respeito a discussão das filmagens e entrevistas com as professoras e auxiliares participantes da pesquisa. Desse modo, a análise destes dados permitirá verificar se houve mudanças e novas maneiras de se relacionar com as crianças depois das possíveis contribuições da pesquisa na escola participante.

Durante as observações, as crianças estiveram muito próximas das pesquisadoras. A ideia que se tinha no início destas observações é que a curiosidade das crianças, tanto pelos pesquisadores que estavam dentro das salas, quanto pelos instrumentos metodológicos utilizados (máquina fotográfica e diário de campo) durasse pouco. No entanto o interesse foi contínuo durante todos os encontros.

Foram muitos os momentos em que as crianças pediam para ver o que estava sendo filmado, assim como para explorar a máquina fotográfica e o diário de campo. Isto foi permitido todas as vezes que eles manifestavam essa vontade. Ao verem na câmera suas imagens (momentos diversos em que foram filmadas) vibravam muito, sorriam, olhavam para os pesquisadores com surpresa e ao mesmo tempo com alegria de estarem se vendo. Às vezes elas olhavam um pouco as filmagens e devolviam a câmera, outras raras vezes era preciso pedir para que devolvessem, pedido que era atendido em grande parte, sem resistência.

O diário de campo também foi bastante explorado, pelo grupo. No começo das observações carregamos apenas um caderno e uma caneta para os registros. Mas quando nos pediam estes objetos ficávamos sem opções para registrar, através da escrita, as situações e a própria cena das crianças interagindo com estes instrumentos metodológicos. Neste momento recorriamos para a máquina fotográfica. Com o passar dos encontros, começamos a levar giz de cera e papel, pois eles queriam escrever, desenhar, experimentar estes objetos. Alguns aceitavam, outros queriam exatamente o mesmo caderno das pesquisadoras. Isto foi sendo negociado ao longo das observações.

Além dos momentos citados até aqui, desafios foram surgindo ao longo deste percurso. As crianças faziam solicitações, muitas vezes como se fôssemos professoras daquele grupo. Estas solicitações envolviam pedidos para resolução de conflitos, para alcançarmos objetos fora do alcance dos bebês e crianças bem pequenas, pedidos para amarrar o sapato, ou de colo quando estavam com sono, dentre outras solicitações.

No início foi muito complicado, pois não sabíamos como agir. O receio de interferir naquele tempo e espaço e ser mal interpretadas, tanto pelas crianças, como pelas professoras era muito grande. Não sabíamos estabelecer o limite, se é que existe, entre o distanciamento e a aproximação necessária para uma “boa” investigação. No entanto, aos poucos compreendemos que não existe um manual do investigador que diga o que e como fazer, simplesmente vamos “encontrando nosso lugar” (TRISTÃO, 2004) naquele tempo e espaço e estabelecendo, construindo relações. Relações estas que necessitam que nós, pesquisadores assumamos diversos papéis, dependendo da situação.

Na observação participante, segundo ANDRÉ (1995) “o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado” (1995). Desse modo, estas relações que acontecem durante esta etapa do estudo, devem ser levadas em conta e examinadas com atenção durante a análise dos dados coletados.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde o começo desta investigação, foram acontecendo encontros e diálogos com a escola participante da pesquisa.

Inicialmente as conversas foram necessárias para apresentar as ações e processos que iriam acontecer no decorrer do trabalho. Porém, os diálogos continuam, pois mudanças surgem a todo o momento, seja em relação a reformulações de propostas e objetivos iniciais, ou as necessidades e demandas da própria instituição participante. Negociações e acordos fazem parte do processo de investigação. Eles são feitos e refeitos continuamente entre todas as pessoas que estão envolvidas na investigação.

Até o presente momento, o grupo de pesquisa organizou as seguintes categorias e subcategorias de análise em consonância com os objetivos da pesquisa:

#### 1. PRÁTICAS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO DOS ADULTOS EM RELAÇÃO ÀS CRIANÇAS E DAS CRIANÇAS ENTRE ELAS.

- Olhares, falas, gestos, toques, escuta e mídia
- Espaços, tempos e materiais.

#### 2. TRAÇOS DAS CULTURAS INFANTIS

- Relações das crianças e bebês entre eles: amizades/aproximações/conflitos;
- Imaginário e fantasia do real;
- Ludicidade/ entre pares e na sozinha;
- Rupturas das representações de gênero.

A próxima etapa é começar as transcrições dos vídeos, analisar os diários de campo, discutir vídeos com professoras e auxiliares e entrevistá-las, com base nos objetivos da pesquisa.

### 4. CONCLUSÕES

Acreditamos que é preciso repensar as relações entre professoras e auxiliares, assim como as relações entre cuidar e educar na educação infantil, contribuindo com processos e práticas de educação e cuidado que escutem bebês e crianças bem pequenas, que sejam construídos em interação com elas, a partir de seus desejos, saberes e necessidades.

Entendemos que é fundamental assegurar o direito ao cuidado e à educação desde o ponto de vista e necessidades dos bebês e das crianças bem pequenas e contribuir para produção de políticas mais respeitadas com os que falam outras linguagens, que ainda precisamos inventariar via estudos das culturas infantis.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Presses Universitaires de France, 1977.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GRAUE, E.; WALSH, D. **Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SARMENTO, M. J. As Culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.

TRISTÃO, Fernanda C. D. **SER PROFESSORA DE BEBÊS: um estudo de caso em uma creche conveniada**. Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos & Pinto, José Madureira (org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. 3 ed. Porto: Afrontamento, 1989.